



Illustração Portuguesa

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Patna Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsarar; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

Texto:—*Chronica*, por Azulay;—*Contos da Caróchinha (Os tres sem-atores)*, trad. de D. Guiomar Torrezão;—*Ilyllio nocturno*, soneto, por Antonio Mollarinho;—*Cincoenta e tres annos de parlamentarismo em Portugal*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*Lindila*, conto, por Eduardo Sequeira;—*As nossas gravuras*;—*O Ceu no Inferno*, conto phantastico, por Eugenio de Castro;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*Irmãos de leite*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Depretis*;—*Paul de Cassagnac e Laur*;—*Enchendo a bilha*;—*Modas*;—*Kalkoff*.

CHRONICA

A voz de Jehovah fez-se ouvir na incommensurabilidade dos ceos, por cima das nossas cabeças peccadoras, desde domingo até hoje. Ao principio foi com um rigor retumbante de colera magestosa, por entre esquadões de nuvens negras; por fim, nos dias subsequentes, foi doce e serena, como beijos de noiva.

Assim, a tempestade, quebrada a sua força pelo calor asphyxiante, fugiu espavorida d'esta enorme fornalha ardente em que nos abrazamos, sacudindo a sua cabelleira electrica.

Debalde os rivaes de Camille Flammarion disseram coisas medo-



DEPRETIS

nhas nas gazetas; a tempestade, caprichosa como tudo quanto é feminino, foi tocar-se de raios a outra parte, deixando por mentirosos esses *reporters* do infinito.

Foi uma boa peça.

*

Uma outra tempestade, de character mais terreno, foi a que se debateu no primeiro conselho de guerra, onde ha pouco tempo foi absolvido Marinho da Cruz.

Trata-se de um pobre e rude soldado que, n'um momento de exaspero, depois de ouvir uma sentença condemnatoria, usou levantar a mão calçada de luva de camurça e deu com ella, pesadamente, saloicamente, nas bochechas do sargento, que fazia parte accusadora contra elle e por um motivo identico.

Este facto gravissimo, que se parece com outro, succedido no parlamento, deu-se tambem depois de fechada a sessão, isto é, a audiencia.

Não foi por isso m nos grave.

Horrorisaram-se sobremaneira os juizes com tão extraordinario attentado contra a disciplina militar, e em vez de verem no rude soldado um destemido bruto e não um cobarde aleivoso, como o Marinho da Cruz, foram-se ao codigo, com raiva, procuraram lá o artigo mais fulminante, mais kropatchec... e condemnaram o pobre homem á morte!

Conta-se que o dr. Senna quiz intervir, mas assim que os do conselho lobrigaram a sua calva de Frei Claudio da *Notre-Dame*, disseram *una voce*:

—Ponha-se lá fóra! Você pensa que vem para cá, novamente, enterrar-nos na cabeça as mihocas scientificas da epilepsia larvada? Este está são como um pero. Ainda se elle tivesse dado um ou dois tiros pelas costas no sargento!

O illustre auctor do «D. Jayme», solicitado para defender o pobre soldado, exclamou indignado:

—Eu não defendo senão causas más, odiosas, condemnadas na opinião publica, como o declarei em côrtes. Porque é que esse desgraçado, em vez de dar uma bofetada, não deu uma estocada? Como querem os senhores que eu defenda um rapaz que mostra um tão prudente juizo? Não me dirão?

E o pobre diabo, que deu uma vil bofetada, foi condemnado á morte.

N'este momento, lavra um grande espanto na sua aldeia.

Uma mãe chora, diante d'um oratorio, os olhos cravados na virgem, pedindo-lhe para interceder junto do seu bemdito filho, afim de que este salve o soldado, filho d'ella.

—O teu filho matou? pergunta a virgem santissima.

—Não, minha rainha dos ceus! Ai! o meu rico filho não era capaz d'isso. Arisco, sim, mas respeitador da vida do seu semelhante.

—Que crime commetteu elle então?

—Ai! minha rica senhora da Conceição! Foi um pouco mais de nada! Uma bofetada! Aquillo foi pingui-nha... E hade um filho, que me custou vinte annos de trabalho e de cuidados, ser fusilado como um cão damnado, lá porque estendeu a mão mais longe do que devia?

—E' cruel! respondeu, na sua voz celestial, a virgem santissima. Hei-de contar isso ao meu muito amado filho.

E após este colloquio mental, a mãe do soldado levantou-se da frente do oratorio, com o sorriso da esperança nos labios.

E os filhos, quando a viram animada, bateram as palmas de contentes, e o mais moço, de um anno apenas, atirou lhe beijos. E quando lhe perguntaram:

—Queres ir ao mano?

O delicado anjinho, com os olhos claros e grandes, fixos, como quem labora uma idéa, respondeu:

—Qué... qué...

E essa voz d'anjo atravessou como uma supplica o espaço, e deve ter chegado a Lisboa, a bater no coração do rei, que tambem é pae e mais do que isso, é avô, e sabe que a corôa real tem mais brilho, quando abençoada pelos que soffrem as injustiças sociaes, mascaradas com o rigor de leis, nem sempre inflexiveis.

*

Esperamos para breve um grito formidavel de co-lera, em que estas e outras injustiças sociaes hão de ser flagelladas duramente.

Oh! vós, os venaes, prepara-vos para tremer.

Vem ahi Juvenal com as suas satyras mais agudas e mais candentes. Vem Marcial com o seu riso fresco e sensual. Vem ahi Guerra Junqueiro, a bordo do *Deus-Milhão*, o seu novo bergantim d'ouro, construido nos estaleiros mais finos da arte, conhecidos desde o mundo greco-romano até aos nossos dias.

O grande e espontaneo poeta andou em peregrinação por Paris; visitou todos os hospitaes, todas as prisões, todas as penitenciarias, todos os hospicios. Como um medico da alma, grave no seu veston de touriste, elle sondou a miseria, o crime, o vicio. Depois, quiz estudar anatomicamente o crime e foi á *Morgue*, ver os cadaveres nus, retalhados a facadas, estrangulados a laço, nas ruas da grande cidade. E a sua retina poderosa deve ter gravado esse aspecto singularmente frio e repugnante de cadaveres deitados em marmores, sobre os quaes corre um frio permanente d'agua gelada, n'um silencio pavoroso, de tumulto.

E o eminente poeta, com o espirito de observação philosophica que o distingue, tendo examinado os effeitos, quiz ver as causas, e visitou todas as dependencias da prefeitura de policia e o *Depôt*, e fartou-se de tomar apontamentos, isto é, de tomar bronze, com que vae fundir o espantoso poema da miseria em elaboração no seu espirito superior.

Parece que o illustre auctor da *Morte de D. João* irá tambem a Londres. E é impossivel que o não faça.

A capital da velha Albion é, como a da França, a cidade do vicio, inseparavel sempre dos grandes emporios commerciaes, industriaes e artisticos.

Em nenhuma parte do mundo, o assumpto que constitue o poema de Guerra Junqueiro póde ser estudado, como na Inglaterra. Ali impera a brutalidade do dinheiro, e como consequencia, o egoismo feroz, que é a caracteristica d'aquelle povo singular.

*

Ao grande colorista da idéa não deve ter escapado um assumpto de tal modo vivo e palpitante como o de Marinho da Cruz, em que está photographada uma sociedade que se acha em conflicto, pelo seu grau de civilização relativa, com as instituições que a regem.

E não deve escapar o contraste baseado na lei, da condemnação á morte de um pobre soldado, que deu uma bofetada, e a absolvição de um alferes alumno com um curso scientifico, que assassinou premeditadamente e á traição.

Este assumpto, tratado com a grande alma de Guerra Junqueiro, o mais vibrante e o mais impressionavel dos nossos poetas e talvez dos estranhos, deve ser extraordinario, unico, inegalavel.

CONTOS DA CAROCHINHA

Os tres semeadores

(CATULLE MENDÉS)

Tres jovens companheiros foram correr terras.

Como era no inverno, chovia, ventava e caia neve; mas a estrada por onde elles passavam doirava-se de sol, e as sebes de espinheiros sacudiam, a cada sopro da brisa, revoadas de borboletas e abelhas, em honra aos dezeseis annos das tres creanças: para que a primavera sorria aos viajantes, basta que elles a sintam em si.

Assim pois, os tres caminhavam ao acaso, que é a melhor maneira de emprender jornada.

Um chamava-se Honorato, o outro Chrysor, e o mais novo Aloys.

Todos tres eram bonitos, com os seus cabellos anelados, fluctuando ao vento, com a fresca saude das suas faces e das suas bocas.

Honorato tinha uma expressão altiva, Chrysor apresentava um aspecto reservado, Aloys mostrava-se ingenuo e timido. E as suas physionomias não eram senão o claro espelho onde se reflectiam as suas almas.

O corpo é sempre o forro da alma, mas os homens tem o mau costume de usarem do avesso o seu natural vestuario.

Honorato, nas suas chimeras, sonhava que era filho de um poderoso rei. Embora se alimentasse de codeas de pão, que atira pela janella a saciedade dos rios, bebesse a agua das fontes no concavo das mãos, dormisse na palha das granjas, nem por isso deixava de imaginar-se cercado de sumptuosidades e opulencias; via, nas suas fantasias, cortesãos deslumbrantes de bordaduras de oiro, ajoelhando na sala do throno, entre columnatas de jaspe e porphiro; por uma grande porta entravam embaixadores, vindos de paizes remotos, seguidos de escravos africanos, vestidos de setim escarlata, conduzindo os frescos onde se accumulavam maravilhosas e lindas pedrarias, perolas finas, estofos de seda e brocado, humildes offertas do imperador de Trebizonda ou do rei de Sirinagor! Ou então sonhava que conduzia á victoria innumerous exercitos, que derrotava, brandindo a espada rutilante, as hostes contrarias, e que o seu povo o levava em triumpho debaixo de arcos ornados de bandeiras e tropheos.

Chrysor, nas suas meditações, era um pouco menos epico. O seu ideal consistia em julgar-se possuidor de uma riqueza colossal e de muitos diamantes, cada um dos quais valia todos os thesouros do mais opulento dos monarchas; eis o que brilhava ante os seus olhos, o que escorria dos seus dedos, á hora em que o pobre rapaz estendia a mão aos transeuntes, feliz sempre que elles lhe davam um soldo de cobre.

Se o houvessem collocado defronte de duas portas, a do paraizo e a da caixa forte, não seria a porta do paraizo que elle abria.

Quanto ao pequeno Aloys,—mais bonito e mais franzino do que os seus companheiros,—não ambicionava palacios, nem cortezãos, nem embaixadores, nem exercitos; a uma meza carregada de oiro, preferiria um jardim esmaltado de flores. Os seus olhos de adolescente embriam-se, extaticos, na purpura das auroras juvenis, ou na dos crepusculos melancolicos. A unica felicidade que desejava,—e possuia-a,—era cantar, pelo caminho, a canção que compozera na vespera, com bonitas rimas melodiosas, que os passaros repetiam, gorgelando.

De sorte que se, á noute, no claro silencio das estrellas, acordava, crescia, morria, um d'esses ruidos, que são os suspiros da natureza adormecida, perguntava Honorato: «não será o echo de uma trombeta?» «não sera, dizia Chrysor, o som longiuquo de uma moeda de oiro que caiu de uma gaveta?» e Aloys murmurava: «Penso que é o pipilar de um ninho, que despertou.»

Um dia, uma velha que cavava a terra, abrindo sulcos para a sementeira, vio os passar.

A velha era hedionda e esfarrapada, como uma sordida mendiga, e parecia confundir-se com o barro vil, que trabalhava com as suas mãos esqueleticas.

Mas de subito, logo que os tres rapazes, Honorato, Chrysor e Aloys a avistaram á borda de um fosso, metamorphoseou-se na mais adoravel fada que se podesse fantasiar; os folhos do seu vestido ostentavam flores de pedrarias, em torno das quais voavam enxames de borboletas, suppondo que o mez de abril acordara na terra rejuvenescida.

—Formosas creanças, detenham-se! disse a fada. Quero-lhes bem, porque são moços,—o que é a mais irresistivel maneira de ser bom—e porque tem sempre o cuidado, quando andam, de não esmagar os insectos. Approximem-se, meus filhos, e façam as suas sementeiras no rego que eu acabo de abrir. A' fé de boa fa-

da, este mau campo, aparentemente infecundo, restituir-lhes-ha o centuplo do que lhe derem.

Calculam bem que os viajantes ficaram encantados, ao verem uma senhora tão extraordinariamente formosa e ao ouvirem tão amaveis palavras.

Mas ao mesmo tempo, sentiam-se vexados e confundidos, visto que não possuíam nada, os pobresinhos, que podessem semear.

—Ah! senhora, disse Honorato, depois de se haver aconselhado com Chrysor e Aloys, naia temos que desejassemos ver centuplicado, senão os nossos sonhos, que não produzem, de certo.

—Quem sabe? replicou a fada, enxotando com um agitar dos cabellos de oiro uma borboleta que lhe sugava a orelha—flor. Semeiem os seus sonhos, na terra aberta para os receber, e veremos o que ella nos dará em troca.

Então Honorato, ajoelhado, com a boca unida á terra, começou a contar-lhe as suas ambiciosas chimeras: palacios de porphiro e de jaspe, povoados de cortezãos resplandecentes e de embaixadores que entram pela real porta, seguidos de pretinhos carregados de tributos, e os exercitos, os triumphos.

Ainda bem Honorato não terminara a sua confidencia, e já um turbilhão de cavalleiros a galope invadiam a planice, ostentando ao sol os seus elmos emplumados e as suas lanças de oiro, e proclamando que procuravam o filho do fallecido rei, para o levarem ao seu reino.

Logo que os bellos cavalleiros avistaram Honorato, gritaram, jubilosos: «E' elle!», e conduziram o seu senhor para os principescos e magnificos palacios de marmore, para as batalhas e para os tropheos!

Tendo visto isto, Chrysor não se fez rogar para semear na gleba os seus desejos de riqueza, o seu a nor pelo metal sonante e pelas pedras preciosas.

As primeiras palavras que lhe saíram dos labios, o sulco da terra encheu-se de oiro, prata, diamantes e perolas. Ebrio de alegria, Chrysor apoderou-se avidamente do seu thesouro, encheu as algibeiras, e fugiu, mais rico do que os mais ricos, procurando algum esconderijo seguro onde podesse occultar aquellas riquezas.

—E tu, Aloys, em que pensas? perguntou a fada? Não seguirás o exemplo dos teus companheiros?

—Ah! volveu elle, eu nada desejo senão escutar os rouxinoes que se lamentam, á noite, e as cigarras que gritam ao meio dia. Tudo o que poderia fazer, seria cantar o epithalamio que hontem compuz, festejando o hymeneu de duas toutinegras.

—Canta-o! replicou a fada; esta semente vale tanto como qualquer outra.

Quando elle começava a segunda estrophe, appareceu-lhe uma mulher linda—tão linda que nenhum sonho de amor poderia idealisar-a mais perfeita,—surgiu da terra entreaberta, e enlaçando com os seus braços niveos, como os lyrios, o pescoço da creança, encantada, murmurou: «Oh! como tu cantas bem! e como eu te amo!»

Foi assim que a boa fada protegeu os tres vagabundos que seguiam, ao acaso, pela estrada cheia de sol.

Mas a poucos passos, occorreram acontecimentos terriveis.

Vencido em um combate, depois de prodigios de coragem contra inimigos implacaveis, o rei Honorato foi obrigado a deixar a sua capital e a refugiar-se em um claustro, onde lhe cortaram os cabellos, não sem lhe haverem arrancado a corôa.

Os ladrões, que estão sempre á espreita, acabaram por descobrir o esconderijo, onde Chrysor-o-Rico occultara os seus thesouros, e o infeliz ficou reduzido á miseria, mendigando pelos caminhos, e pedindo esmola aos ladrões, que lh'a negaram!

Só Aloys não deixou nunca de ser feliz, gosando, enlevado, as caricias da bem amada, que lhe fazia collar dos braços, niveos como os lyrios, e que se lhe conservou sempre fiel, só porque elle cantara á boa terra maternal a divina canção da juventude e do amor!

GUIMAR TORREZÃO.

IDYLLIO NOCTURNO

Horas mortas da noite, abro, cançado,
O meu olhar na treva mysteriosa...
E ali vejo sorrindo-se a meu lado,
A tua amada sombra radiosa;

Vem para mim, n'um gesto brando e amado,
N'um doce tom de voz cariciosa,
Desfeita a negra trança setinosa
Por sobre o lacteo seio perfumado...

N'um extasi celeste e de mãos dadas
Fitamo-nos sorrindo e confiando
As nossas mutuas illusões doiradas...

De subito, desfaz-se esta visão
A' luz do sol nascente... e então, voando,
Me volves piedosa ao coração...

ANTONIO MOLLARINHO.

Cincoenta e tres annos de parlamentarismo em Portugal

III

As camaras que se reuniram em virtude da constituição de 1838 tiveram duas legislaturas, sendo dissolvida a camara dos deputados depois da terceira sessão, e renovada por metade a camara dos senadores.

Na terceira sessão da 2.^a legislatura não chegaram as camaras a reunir-se, porque veio a revolta que trouxe consigo a Restauração da Carta. Essa revolta, como é sabido, foi promovida pelo ministro da justiça, Antonio Bernardo da Costa Cabral, que, indo ao Porto no principio de 1842, ali promoveu a restauração da Carta.

Era então ministro pela primeira vez com elle Antonio José de Avila, depois duque de Avila e de Bolama, que nos contou a scena occorrida no ministerio quando elle entrou com um jornal que dava noticia da revolta, porque foi assim que os ministros tiveram conhecimento do facto.

D'essas conversações infelizmente não ficou vestigio senão na memoria de quem n'ellas tomou parte, e que não pôde reproduzir-as stenographicamente. Quantas revelações preciosas para a nossa historia contemporanea ouvimos da bocca do duque de Avila e de Fontes Pereira de Mello. A este ultimo muitas vezes perguntámos porque não escrevia as suas memorias. Encolhia os hombros sorrindo, e respondia: Abi fica a minha correspondencia, bem larga, e preciosamente conservada. Se alguma coisa quizerem fazer com ella, que o façam.

Restabeleceu-se pois a Carta Constitucional. As camaras reunidas no dia 2 de janeiro tinham sido adiadas para 21 de fevereiro.

Ora no dia 22 de janeiro a junta revolucionaria ou restauradora, como quizerem, composta de Antonio Bernardo da Costa Cabral, barão da Ponte de Santa Maria, Marcellino Maximo de Azevedo e Mello, barão das Lages, José Maria de Albuquerque, Thomaz Pinto Saavedra, João Cypriano Ramos, José Ricardo Peixoto, Fernando da Fonseca Mesquita e Solla, enviara uma circular a todos os commandantes militares do Norte, pedindo lhes a sua adhesão, e rogando lhes que marchassem sobre Leiria.

Assim se fez, e o barão da Ponte de Santa Maria, que morreu conde e marechal do exercito, marchou sobre Lisboa á testa das forças do Norte.

O primeiro movimento em Lisboa foi, como era natural, o de resistencia. Fizeram assignar á rainha a famosa e tradicional proclamação dos soberanos que fingem não adherir aos movimentos que se fazem para lhes restituirem a plenitude do seu poder. O cliché é o seguinte:

«Portuguezes! Ha quem pretenda illudir-vos, invocando falsamente o meu nome, para vos arrastar a movimentos revoltosos, que, em despeito das leis e violação flagrante da constituição, por mim jurada, trazem, com a instabilidade da lei fundamental, o mais imminente risco ao throno e ás liberdades publicas.»

Esta proclamação era datada de 28 de janeiro, no mesmo dia em que os quarenta e oito deputados que se achavam em Lisboa dirigiram uma representação á rainha, pedindo-lhe que empregasse todos os esforços para debellar a insurreição. Estivemos a ver nas *Estatísticas Parlamentares* a lista d'essas assignaturas, e se nos não enganamos, parece-nos que d'esses 48 nomes, entre os quaes figuram os do visconde de Athouguia, José Maria Eugenio, Reis e Vasconcellos, Pinto de Magalhães, José Maria Grande e Joaquim Pedro Celestino Soares, Garrett, Cesar de Vasconcellos, José da Silva Carvalho, etc, etc, ha dois apenas que pertencem a homens ainda hoje vivos; são os nomes dos srs. Marreca e Manuel José Mendes Leite.

Protestaram igualmente 24 senadores, figurando alguns entre elles que não morreriam de certo de amores pela constituição de 1838, taes como o duque de Palmella, o patriarcha de Lisboa, D. fr. Francisco de S. Luiz, etc, mas que desadoravam o meio de que os restauradores se serviam para derrubar a constituição existente.

Comtudo os acontecimentos caminharam, a rainha claramente votava todas as suas sympathias á causa dos restauradores, e depois de uma tentativa mais ou menos simulada de resistencia a rainha assignou em 10 de fevereiro de 1842 o decreto que punha novamente em vigor a Carta Constitucional, e que era referenda-

do pelo duque da Terceira, José Jorge Loureiro, e Mousinho d Albuquerque.

O que é a politica! Quatro annos depois uma revolta rebentou no Porto contra a Carta alli mesmo restaurada. O partido septembrista, quer dizer o partido que advogou as idéas proclamadas em setembro de 1836, e que tinham produzido a constituição de 1838, fazia-a. O duque da Terceira, cartista decidido, e agente do ministerio do conde de Thomar, era preso no castello da Foz por ordem da junta do Porto; Mousinho de Albuquerque, septembrista dedicado e delegado da junta, era morto em Torres-Vedras por uma bala cabralista.

E' certo porém e devemos dizel-o em abono de Mousinho de Albuquerque, character lealissimo, que no relatorio do conselho de ministros que precedia o decreto dictatorial, se lia o seguinte:

«Determinando a convocação o mais breve possivel das côrtes, que representam a nação, segundo a mesma Carta, e ordenando que os deputados venham a ellas com todos os poderes necessarios para alterar qualquer dos seus artigos, se porventura taes alterações fôrem necessarias ao bem do Estado.»

Nas instrucções eleitoraes de 5 de março de 1842, no seu artigo 83.^o, mandava-se que se conferisse nas procurações dos deputados essa authorisação, mas a verdade é que nem se cumpriu a promessa, nem se executou o artigo, e que as Côrtes que se reuniram no dia 10 de julho de 1842, fôram simplesmente côrtes ordinarias.

Essas côrtes duraram os quatro annos marcados pela Carta, exemplo rarissimo na nossa historia constitucional. Foram quatro annos porém cortados de muitas revoltas, de muitos movimentos insurreccionaes. O paiz continuava n'uma constante agitação. Em 1845 procedia-se a novas eleições, que foram as que ficaram celebres pela violencia com que interveio n'ellas o governo. D'essas e d'outras causas proveio a revolução do Minho, que principiou em 1846 e se prolongou por 1847.

Essa revolução fizera com que a camara, que se considerava tão abusivamente eleita, fosse dissolvida no dia 23 de maio de 1845. Mandou-se proceder a nova eleição, mas o estado anarchico do reino fez com que não houvesse nem eleições em 1846 nem reunião dos corpos legislativos em 1847. A 14 de novembro d'este ultimo anno é que se procedeu á eleição da camara, que se reuniu a 2 de janeiro de 1848.

Essa camara duraria o periodo legal, se a 4.^a sessão legislativa não fosse interrompida pela revolução de 1851, revolução triumphante promovida pelo duque de Saldanha, e d'onde nasceu a Regeneração. O duque victorioso dissolveu a camara e mandou proceder a novas eleições, ordenando que os deputados trouxessem nas suas procurações poderes bastantes para reformarem a Constituição.

D'esta vez executou-se o decreto; as côrtes constituintes reuniram-se a 15 de dezembro de 1851, votaram o primeiro acto adicional, foram logo em seguida dissolvidas, reunindo-se a nova camara a 2 de janeiro de 1853.

Esta legislatura durou tambem o tempo legal, e teve que prover á regencia do reino, porque, enquanto duravam, morreu a rainha D. Maria II, exerceu durante dois annos a regencia El-Rei D. Fernando, e finalmente tomou posse effectiva do governo, por ter chegado á sua maioridade, el-rei D. Pedro V.

Depois seguiram-se umas poucas de legislaturas, em que foram sempre dissolvidas as camaras, já porque caíra o ministerio regenerador, e caíra depois o progressista historico, e tornára a cair o regenerador, já por ter sido votada a nova lei eleitoral de 1859.

A legislatura, que principiou a funcionar a 20 de maio de 1861 e terminou a 18 de junho de 1864, durou o tempo legal e foi uma legislatura celebre.

Teve o seu cunho triste, porque enquanto funcionava morreu D. Pedro V com os seus dois irmãos, os infantes D. Fernando e D. João, morreu Passos Manuel e morreu José Estevão.

Teve o seu cunho brilhante porque votou algumas medidas importantissimas, como foram a abolição dos morgados e a abolição do monopolio do tabaco.

Foi tambem n'essa legislatura que se travou aquelle celebre combate das irmãs de caridade, em que terçaram armas os mais brilhantes espiritos d'esse tempo.

Foi durante essa legislatura que subiu ao throno El-Rei D. Luiz, que se realisou o seu casamento com S. M. a rainha D. Maria Pia, que nasceu o principe real.

A legislatura immediata começou em 1865, e ia principiar em 1868 a sua quarta sessão regulamentar, quando foi dissolvida. Foi n'essa legislatura que se decompoz o ministerio progressista historico, dando origem a uma serie de gabinetes, e levando em fim os dois partidos regenerador e historico a fazerem a fusão.

Depois começou a haver legislaturas que nem duravam um anno, dictaduras successivas, a revolucionaria dissolução das côrtes em 1870; finalmente só chegou ao seu termo legal a legislatura que principiou em 1871 e acabou em 1874.

Succederam-se n'este periodo tres leis eleitoraes—a de 1869, a de 1878, e a de 1884.

Houve umas côrtes constituintes que votaram o 2.^o Acto Adicional de 1885.

Realisou-se n'este periodo a dissolução da fasão historico-



PAUL DE CASSAGNAC



FRANCIS LAUR

regeneradora, e a realização da nova fusão historico-reformista, sancionada pelo pacto da Granje.

E aqui está em breve resumo a historia de cincoenta e tres annos de parlamentarismo em Portugal.

PINHEIRO CHAGAS.

LINDITA

I

E' uma risonha e poetica aldeia do Douro, situada na encosta d'um monte, a cujos pés, por entre valles floridos, ornados de castanheiros frondosos, salgueiros esguios e viridentes carvalhos de larga ramaria, desliza de manso o rio Souza.

O mez de maio, o alegre mez das flores, festivamente adorna com as suas odoríferas galas, as encostas, os montes e as campinas, pondo por toda a parte uma nota vibrante de mocidade e frescura.

Nos açudes, a agua cahindo estrepitosamente sobre a penedia, canta melodias estranhas com o acompanhamento dos estridulos guinchos das engrenagens dos moinhos; e pelos campos, robustas aldeãs de peitos salientes e carnes duras, sachando a terra ainda humedecida pelo orvalho matutino, com voz cheia e sã, entoam alegres trovas populares.

O descarado e atrevido pardal vadia ao *Deus dará*, emquanto a buliçosa lavandisca, agitando incessantemente a cauda, toda se atarefa na caça dos insectos, que indolentemente se refestelam nos recantos da pulverulenta estrada.

Ao longe, ao longe, empoleirada na crista de um penedo, uma tostada cabra desdenhosamente tritura o secco vegetal, sendo, de baixo, olhada com despeitada inveja por magras ovelhas, que tristemente soltam ao vento os seus maguados queixumes.

O carro carregado de matto passa, além, com uma chiadeira insupportavel; dos tectos de colmo erguem-se columnas de fumo negro e denso, e o cão do gado, á porta do quinteiro, sem interrupção ladra furiosamente.

Um pouco desviadas da aldeia e perdidas entre verdejantes prados, veem-se duas casas quasi fronteiras.

Uma, ampla, de largas janellas com varandas de ferro, apresenta uns tons senhoriales, que singularmente contrastam com o aspecto pobre e humilde da outra, um pequeno casebre de portadas e janellas acanhadas e exiguo quintal tapetado de aromaticas flores.

Quem fizesse porém caminho por aquelle sitio, já sabia que, ao passar junto da pequenina mas alegre habitação, tinha de se quedar um pouco em doce conversa com uma anciã de aspecto agradável e attrahente, que, á beira da estrada, sentada n'uma banquinha de pinho e abrigada pela sombra d'uma ramada, passava o dia todo a dobar alvas meadas ou a fiar o louro linho, emquanto uma bandada de gallinhas, á volta d'ella, cacarejavam festivamente.

Geralmente a velhice não inspira grande sympathia á gente moça. Uma rabugice chronica, o querer governar o presente pelo passado, e sobre tudo um certo despreendimento que lhes faz ver o mundo sob um prisma sombrio, afugenta do velho avô ou decrepita avó, os netos traquinas que n'elles não encontram os risos e brinquedos, unico encanto d'aquellas edades felizes.

Ainda que raras, ha comtudo velhices tão folgasãs e communicativas como a mocidade, e essas então prendem mais fortemente o coração infantil, que se deixa levar arrastado pela captivante seducção dos risos e meiguices prodigalisadas por uma avó cujos cabellos pratearam de ha muito.

Quem possuir alguma d'essas santas velhinhas, deve dedicar-lhe todo o amor, toda a estima de que tiver repleto o coração, em agradecimento á que se faz creança para nos agradar.

Eu gosto perdidamente de ouvir os contos que taes velhinhas narram junto a lareira, os contos em que as fidas, as feiticeiras e os lobis-homens representam um grande e principal papel.

Contos tetricos, de arripiar os cabellos, mas onde está condensada toda a alma popular, onde vibra em toda a immaculada pureza o character supersticioso mas honesto e bom da santa gente do campo.

A ultima d'essa extincta geração de bondosas velhinhas, era a tia Maria Pequena. Nunca uma creança passou por pé d'ella sem um beijo ou uma caricia; e quando encontrava alguns traquinas roubando ninhos, com tanta eloquencia os convencencia da feia acção que praticavam, de tal modo lhes descrevia a cruciante dôr dos tristes paes ao verem para sempre perdidos os filhos estremecidos, que resolvia logo os espoliadores a irem restituir á chorosa avésinha o thesouro de que injustamente se tinham apoderado.

A vida, a alegria e a felicidade d'esta pobre mulher synthe-

tisava-se n'um thesouro que era o seu orgulho, que lhe dava forças para resistir ás agruras da vida e alegremente dourava a mediceidade do seu honesto viver. Esse thesouro, essa rara joia de inestimavel valor, a luz, a vida dos olhos seus, era a netinha, uma formosa creança de cabellos loiros, tão loiros como os trigaes maduros, e de um rosto de anjo modelado no mais puro marmore. A mãe da pobre pequenita finara-se alguns mezes após o marido, de paixão dizia a gente da aldeia, de queixa de peito asseverava o velho cirurgião, que á ultima hora, juntamente com o padre, fôra chamado a prestar os ultimos soccorros á enferma, que morrera, deixando orphã, ao cargo da avó, a filha unica, que então contava apenas dois annos de idade.

Amimada pela velhinha, que lhe inoculava toda a excepcional bondade do seu temperamento, a creança crescera adorada por todos. Chamava-se Ermelinda, mas desde pequena ninguem a conhecia senão pela suave abreviatura de Lindita, mais em harmonia com a sua excepcional belleza.

II

A casa que se elevava em frente da pequena cabana, de que fallamos, era o solar de uma das mais ricas familias da provincia, a dos Cunhas de Soutello, a quem pertenciam todas as mais importantes quintas dos arredores. Esta familia, composta de quatro pessoas, pae, mãe e dois filhos, um rapaz e uma menina, eram o idolo da povoação, pela sua nunca desmentida bondade, e principalmente por uma caridade sem limites. No inverno, quando a falta de trabalho fazia surgir o negro aspecto da fome na choça do pobre jornaleiro, e o lar apagado não temperava com o suave calor dos grandes troncos em combustão, a temperatura siberiana d'aquellas miseraveis habitações e a desesperação fazia duvidar aquelles crentes sinceros da propria misericordia divina, viam elles instantaneamente mitigados todos os seus padecimentos pelo auxilio benefico dos fidalgos, como o povo lhes chamava na sua ingenua e inspirada linguagem.

O anno correra mau, as chuvas tinham estragado as sementeiras ou a estiagem tornara improductivas as plantações do milho? Era só dizel-o, e os caseiros achavam-se perdoados de uma grande parte da renda, o sufficiente para os resarcir dos prejuizos soffridos. Tambem, quando Alvaro e Etelvina, de mãos dadas, rindo e pulando, n'uma radiosa alegria, atravessavam a aldeia, as mães que se achavam á porta dos quinteiros com os rochunchudos filhos ao collo, sorriam lhes amorosamente, saudando o apparecimento dos fidalguinhos com calorosas benções, preito sincero de amor e reconhecimento. Os dois jovens passavam a maior parte do tempo em casa de Maria Pequena, atrahidos pelo suave encanto d'a anciã, e talvez, mais ainda, pela affectuosa convivencia da neta, a quem queriam como irmã. Desde pequenina, a Lindita fôra creada com elles, associando-se-lhes sempre a todos os gosos e pesares. O genio bondoso, uma meiguice particular, e principalmente a suave e irresistivel fascinação dos seus olhos castanhos assombreados por longas pestanas escuras, que davam um fulgôr peculiar áquella fascinante belleza, captivavam de tal modo os velhos fidalgos, que a levavam para junto dos filhos, em cuja companhia passava dias e dias.

As creanças, quasi todas da mesma idade, cresceram assim juntas, travando-se entre ellas uma amizade verdadeiramente fraternal; partilhavam os brinquedos, estudavam os mesmos compendios, e até vestiam do mesmo modo, pois a sr.^a do Soutello, encaregara-se terminantemente de tudo o que dissesse respeito á sua Lindita. A intelligencia natural d'esta, desenvolvera-se com os estudos, sem nada perderem as qualidades que a tornavam adoravel. De uma delicadeza innata, que lhe fazia conhecer a sua posição perante a familia que a recebera como filha, nos proprios brinquedos infantis guardava uma respeitosa deferencia claramente patenteada n'aquellas questões que a cada passo se travam entre creanças e nas quaes era ella a primeira a ceder, apesar de nem sempre a isso a aconselhar a sua sã razão.

Etelvina adorava a amiga, e Alvaro, apesar do seu genio travesso e folgasão, ouvia com uma docilidade pasmosa todas as meigas censuras que Lindita lhe ouzava dirigir, quando o via praticar alguma d'aquellas pequenas leviandades a que tanto era sujeito o seu temperamento impressionavel.

Os annos decorreram felizes n'aquelle viver socegado, até que Alvaro, attingindo os dezeseis annos, idade em que já lhe não podia bastar a modesta instrucção que recebia na aldeia, teve de sujeitar-se ás decisões paternas e ir estudar para a proxima cidade do Porto. Um dia, promptas as malas, despediu-se lacrimoso e partiu cheio de recordações suaves de tudo o que então fôra o enlevo e o encanto do seu viver infantil...

III

Alvaro chegou ao Porto com o coração a estalar de saudades. As largas ruas cheias de elevadas casarias, em filas guerreiras, de uma seriedade cidadã, o bulicio dos transeuntes, os variados pregões dos vendedores ambulantes, o continuo rodar dos trens, e principalmente a falta de vegetação tão sensível para elle, que fôra educado aspirando o ar oxigenado dos campos, os



ENCHENDO A BILHA

horizontes illimitados, a quietação e o socego salutar e doce, causava-lhe tão fundas nuvens de melancolia que as lagrimas brotavam como punhos dos seus olhos vermelhos, salientes, circuitados de manchas escuras. Desde a estação de Campanhã, não dirigira palavra ao velho creado que o acompanhava.

Encolhido ao canto do carro, soluçando e carpindo-se, mal aceitava as consolações com que o pobre do servo julgava do seu dever procnrar mitigar-lhe a funda afflicção.

Parou afinal o trem em uma das ruas menos centraes, á porta de uma casa de aspecto tristonho, onde o tempo imprimira vestigios assoladores, apodrecendo as madeiras e cobrindo as paredes de largas manchas de amarellados lichens.

Fôram ali os dois cordealmente acolhidos pelo dono da casa, um velho professor em disponibilidade, que apenas vivia das mensalidades dos alumnos que recebia. Os rapazes davam-se admiravelmente com elle.

(Conclue).

Porto.

EDUARDO SEQUEIRA.

AS NOSSAS GRAVURAS

DEPRETIS

Falleceu no dia 28 do mez findo, em Stradella, o presidente do conselho de ministros do rei Humberto, sr. Depretis, a quem os italianos chamavam a «velha raposa.»

Tinha 75 annos de idade este illustre homem de Estado, e falleceu victima d'um ataque de gotta.

Na manhã do dia em que expirou, pediu que o transportassem para o rez do chão da casa que habitava, em Stradella. Até ao derradeiro momento conservou toda a lucidez do seu espirito. Antes de exhalar o ultimo suspiro, cercado pelos medicos, pela esposa e pelos parentes, Depretis pronunciou apenas, por tres vezes, estas palavras, no meio d'uma agonia lenta e tranquilla:— Eu morro!

Depretis vivia modestamente em Roma, no terceiro andar d'um predio da rua Nacional, com um pequeno rendimento e o ordenado de primeiro ministro—4:500\$000 réis.

Apesar, porém, da maneira como vivia, nem por isso escapou á injuria d'um jornal, que em tempos o accusára de ter ganhado alguns milhões em negocios de caminhos de ferro.

Depretis deixou annexa ao testamento uma carta dirigida ao director do tal jornal, e que contém estas palavras:—«Lego-lhe todos os milhões que ganhei com os caminhos de ferro».

A sua fortuna é mais que modesta.

O soberano d'Italia depositava em Depretis uma confiança absoluta e tinha-o nomeado cavalleiro da Annunciada, o que lhe dava o titulo de parente da familia real.

Os funeraes de Depretis, realizados em Stradella—sua terra natal—foram verdadeiramente principescos. De todos os pontos de Italia partiram para ali deputações com bandeiras e musicas, a incorporar-se no prestito.

O cadaver do illustre estadista italiano esteve depositado no seu gabinete de trabalho, transformado em capella ardente, onde se via uma quantidade prodigiosa de «bouquets», coroas e grinaldas de flores naturaes. Vestia casaca, tinha ao pescoço o collar da Annunciada e sobre o peito grande numero de condecorações nacionaes e estrangeiras.

Conforme acima dissemos, Depretis morreu pobre, e viveu sempre modestamente.

Conta-se d'elle a seguinte anedocta:

Certo dia, um sujeito procurou-o na sua casa de Roma,—um terceiro andar de simples apparencia. Depois de ter subido mais de 120 degraus, parou diante de uma porta, onde estava escripto o nome do primeiro ministro do rei Humberto.

Admirado de não ver nem guardas, nem porteiros, o tal sujeito puxou a campainha.

A porta abriu-se e diante d'elle appareceu um velho de grande barba branca.

—Queira annunciar-me ao presidente do conselho, disse-lhe o visitador.

—Sou eu mesmo, respondeu o velho. E acrescentou: diz-me agora o seu nome?

—Sou o rei dos Hellenos.

A viuva do antigo presidente do conselho, uma formosa mulher de 35 annos de idade, era viuva d'um engenheiro piemontez, de quem teve dois filhos. Do seu consorcio com Depretis, nasceu um outro filho, que conta hoje dez annos e é bastante intelligente.

A cidade de Roma decidiu collocar no Capitolio o busto do fallecido estadista.

A uma das ruas principaes da cidade vae ser dado o nome de Depretis.

Tambem ali se levantará, por iniciativa de governo, um monumento á memoria do illustre fioado. Para esse monumento foi destinada a somma de 18:000\$000 réis.

Em Stradella levantar-se-ha um outro, feito a expensas dos parentes e amigos do fallecido. O municipio da cidade concorre com 1:800\$000 réis.

PAUL DE CASSAGNAC E LAUR

Um jornal de Paris, *La France*, publicou ha dias varias cartas datadas de Clermont-Ferrand e firmadas com dois X, mas cujo auctor é Francis Laur, deputado pelo departamento do Loire.

Dizia o sr. Laur, n'uma d'essas cartas, que 94 generaes tinham procurado o general Boulanger, quando ministro da guerra, por occasião do incidente de Pagny-sur-Moselle com os allemães, declarando-lhe que estavam promptos para tudo.

Esta affirmativa produziu um grande barulho em França, bem como uma outra, publicada ao mesmo tempo, de que alguns deputados reaccionarios haviam proposto a Boulanger que realisasse um golpe d'Estado.

Paul de Cassagnac veio logo á estacada, desmentio Francis Laur e emprazou-o a declarar os nomes d'aquelles deputados e d'aquelles generaes. Laur prommetteu que os declararia, mas antes d'isso enviou duas testemunhas a Cassagnac.

A resposta d'este foi a seguinte:

»Senhor,

Seria na verdade muito estúpido se lhe permittisse escapar-se por uma questão pessoal ás consequencias do seu inqualificavel procedimento.

Já o sabia dotado d'um grande *aplomb*, mas não suppunha que chegaria até pedir-me uma reparação, quando é o senhor que deve essa reparação ao exercito francez e a toda a direita da Camara, que calumniou d'um modo infame, accusando-a de tentativas de traição em face da Allemanha.

Dê-me as provas d'isso, as famosas provas que annuncia, e que eu em vão estou esperando ainda, mostre-me que procedeu de boa fé, que não inventou, nem calumniou, nem mentiu, e estarei ás suas ordens.

Emquanto porém o não fizer, não merece senão o meu desrezo pessoal e o desprezo publico.

«Paul de Cassagnac.»

Depois de ter tomado conhecimento d'esta resposta, Francis Laur enviou a seguinte carta ás suas testemunhas:

«Meus caros amigos,

Ao cabo de quatro dias de espera, recebo essa carta do sr. de Cassagnac.

Antes de tudo, peço-lhes perdão de os ter posto em relações com um homem que ignora até este ponto as regras da cortezia e do *savoir-vivre*.

Escapa-se-me. Assim m'os tinham predito.

Os nomes que elle pede e que a minha honra me inibe de lhe dar hoje, em face de tão insolentes ameaças, abi lh'os remetto.

O sr. de Cassagnac ha de lel-os (quero fazer-lhe essa concessão), mas só no campo, no momento de me dar uma satisfação pela dupla injuria que me vibrou.

Se quizer escapar-me novamente, terei o direito de dizer ao capitão Fracasse da Direita que obedece ainda ao mesmo sentimento... de prudencia, que o levou a esconder-se nas adegas de Sedan no dia da batalha.

Sou cordealmente, etc.

«Francis Laur.»

Nova carta de Cassagnac, e nova resposta de Laur, concebida n'estes termos:

«O sr. não quer bater-se. Eis ahi, para o publico, o resumo das suas longas e grosseiras explicações.

Agora, que está gordo e rico, só aspira ao repouso. Seja assim, mas n'esse caso, abandone a profissão de capitão Fracasse, abandone o parlamento, e deixe esses ares proprios d'uma outra idade e d'um outro estado. Vá plantar couves. Caso não siga o nosso conselho, diremos a toda a gente que desertou em Sedan, na frente do inimigo.»

Epitola de Cassagnac:

«O sr. Laur, que se esquivava a reproduzir as minhas respostas na *France*, envia-me o que elle chama uma «ultima palavra.» O sr. Laur torna-se cada vez mais fraco, mas eu não o seguirei n'essa fraqueza. Não se commettem impunemente ignominias de tal ordem.

Na sua «ultima palavra» o sr. Laur abandona, retracta as suas famosas revelações. Nunca vi nada tão digno de dó e tão miseravel!

Disse ao sr. Laur:—mentiu duas vezes, no que respeita ao exercito e no que se refere á Direita. E elle não me forneceu os nomes, não me evidenciou as provas do que avançara. Limitou-se a provocar-me. Respondi-lhe: «Não se trata d'isso; trata-se de saber se é ou não é um embusteiro. Prove-me que não é o ultimo dos homens, e estou ás suas ordens.»

Hoje, o sr. Laur reconhece que mentiu duas vezes. A'cerca dos 9/4 generaes, diz que não fizeram senão o seu dever de soldados em face da Allemanha, accrescentando que não partiu d'elles nenhuma proposta de golpe de Estado.

Confrontem isto com o que ha dias disse. E' exactamente o contrario.

A respeito da Direita, diz que nenhuns membros d'ella procuraram em delegação o general Boulanger. Só ha compromettidos no caso alguns amigos de Cassagnac.

Comparem, e verão onde cabe o sr. Laur! Causa lastima ver tanta impudencia!

Mas se o sr. Laur não insiste sobre as provas e sobre os nomes que prometeu, em compensação insiste sobre o seu duelo commigo.

Um duelo! Um duelo n'este momento, com um homem de bem, lavaria o sr. Laur; mas eu não quero servir-lhe de sabonete. Vá-se lavar a outra parte. Se o sr. Laur, que nunca se bateu, quer começar por mim, eu, que tenho abusado dos duelos, não desejo acabar mal, acabando por elle.

Termino estas longas reflexões, aconselhando o sr. Laur a continuar as suas pesquisas sobre a minha deserção em Sedan. Desejo que n'esta nova e prodigiosa canalhice seja mais feliz do que nas outras, do que n'aquella que deshonrava o exercito francez e que calumniava a direita da Camara.

Estou injuriado em muito boa companhia, e a opinião publica fixou-se ja sobre o valor das affirmações do sr. Laur.

Só me baterei com elle, quando me declarar publicamente que presta o merecido preito á minha coragem e a minha lealdade.»

Trocaram-se ainda mais cartas, todas ellas pelo mesmo theor, em que a injuria chegou ao cumulo; mas Cassagnac não acceitou o duelo proposto por Francisco Laur, que resolveu por fim chamar o seu antagonista aos tribunaes.

N'outra pagina da nos hoje os retratos de Paul de Cassagnac, o fogoso deputado bonapartista, e de Francis Laur, o partidario de Boulanger, a quem esta pendencia deu uma celebridade que estava muito longe de conquistar.

ENCHENDO A BILHA

A bilha já está cheia ha muito tempo, não pode levar mais agua, mas a formosa rapariga que veio encher-a á fonte da aldeia, nem sequer dá por isso e queda-se ali scismando, com o olhar vago, com o espirito preso a uma imagem que ella bem quizera que apparecesse ali e que não apparecesse!

No fim de contas, amores. Se aquella fonte fallasse...

MODAS**Chapeu para banhos de mar**

E' um chapeu de palha branca, com grande aba forrada de velludo. Aviva a extremidade do velludo um galão de palha. O alto da copa é enfeitado com um molho de pennas de abestruz, misturadas com fita picot n.º 12. Guarnece o fundo da copa uma charpa de gase, que vem prender ás plumas e volta depois formando um grande laço no peito.

Este modelo é elegantissimo e do mais fino gosto.

KATKOFF

Katkoff, o eminente homem politico e redactor em chefe da *Gazeta de Moscow*, que ha dias deixou de existir e cuja morte produziu em toda a Europa uma dolorosa impressão, nascera em Moscow, em 1820, d'uma familia nobre.

Depois de terminar os seus estudos nas universidades de

Koëningsberg e de Berlim, foi nomeado professor de philosophia da universidade de Moscow; mas, como as idéas auctoritarias do czar Nicolau o constrangessem no seu ensino, Katkoff pediu, pouco tempo depois, a sua demissão.

Por occasião do advento de Alexandre II, em 1856, fundou Katkoff um jornal, em que preconizava o liberalismo inglez adaptado aos costumes russos. Mas a insurreição da Polonia e a agitação dos revolucionarios da Russia operaram no seu espirito um reviramento completo. Tornou-se conservador & outrance. Dizia do celebre revolucionario russo Herzen:—«Tomam Herzen a serio, quando elle não passa d'uma prostituta que se mostra em danças obscenas nas praças publicas, e de que toda a gente honesta desvia os olhos!»

Em 1861 tomou a direcção da *Gazeta de Moscow*, fazendo-se apostolo dos velhas tradições e idéas russas, e do panslavismo.

Katkoff gosava d'uma extraordinaria auctoridade junto do povo russo e do czar Alexandre III, do qual era o conselheiro e o guia mais escutado. E' um facto sem precedente na Europa o d'esse jornalista tão poderoso no seu paiz, e n'um paiz governado por uma autocracia.

Katkoff fundou uma escola modelo no genero da universidade de Oxford. Ali se ensinavam os estudos classicos, a despeito do desfavor que esses estudos encontravam por parte do poder.

Um dos seus filhos foi nomeado, ha um anno, secretario da legação russa em Athenas.

Katkoff deixa viuva e nove filhos.

A França perde n'elle um dos seus amigos mais devotados. Durante a guerra de 1870, Katkoff tomou a defeza dos francezes, com vivo entusiasmo, na *Gazeta de Moscow*.

O CEU NO INFERNO

(CONTO PHANTASTICO)

Nós eramos uns doze convidados. Uma estranha mulher, terrivelmente pallida, presidia ao banquete. Em volta da larga mesa, onde faiscavam vinhos rutilos de côr de sangue, viam-se os personagens mais extravagantes. Um cavalleiro, um velho cavalleiro de bigodes ruivos, murmurava idyllios, segredos ao ouvido de uma dama de extraordinaria formosura, cujo vestido de seda lilaz accusava immediatamente a caprichosa phantasia d'alguma modista medieval; um velho, de sobrecasaca preta onde scintillava a commenda de Christo, bebia vagarosamente um loiro vinho de Chypre, um loiro vinho côr de topasio. Havia *toilettes* incoherentes, assombrosas e vultos aterradores, phantasticos.

O que mais me assombrou, comtudo, foi um esqueleto que, ao topo da mesa, movia sem cessar as maxillas muito brancas, mastigando com sofreguidão as mais delicadas ignurias.

Quando o jantar acabou, Angela, a rainha da festa, propoz que cada um dos seus convivas relatasse o poema dos seus amores.

A idéa foi recebida com agrado. E, a um signal de Angela, o esqueleto ergueu-se cheio de gravidade, com as orbitas incendiadas d'um fulgor ensanguentado e, levantando a voz metallica e profunda, contou-nos esta historia:

Eu sou, meus amigos, o mais feliz dos namorados. Comtudo, a felicidade dos meus amores não tem corrido serenamente, antes tem sido atravessada por episodios tragicamente dolorosas, o que é tambem uma felicidade, pois me obrigam a saborear com mais força, as inegalaveis venturas da minha vida.

O desespero de Romeu, quando se envenena, estreitando ao peito o corpo frio da bem-Amada, e a dôr terrivel de Julieta apunhalando-se ao descobrir o cadaver ainda quente do seu amante, são dramas em nada superiores aos soffrimentos por que eu já passei; no entanto, a deliciosa scena do jardim dos Capuletos, sob o luar melancolico de Verona e os estremecimentos de Othelo, apertando ao coração o corpo alvo e apeteccido de Desdémona, em nada desmerecem dos meus sonhos d'amor, das minhas confidencias ternas, das lagrimas dôces que eu tantas vezes sorvi, e dos beijos fogosos que eu tantas vezes dei, ao clarão sereno e calmo d'um luar de ballata.

Vou contar-vos, meus amigos, a ultima das minhas aventuras. Eu morri ha dez annos. Antes d'isso habitava n'uma alta traqueira, na vizinhança das estrellas, em companhia de Celia—uma encantadora creança de cabellos fulvos e olhos d'um azul claro, d'um azul claro d'anjo bysantino.

Nada mais estonteador que os dias que ahi passámos. Mas, supprimindo a descripção minuciosa d'esse *ménage* delicioso, vou contar unicamente a grande scena que se passou depois da minha morte.

Foi n'uma noite de estio. Eu e Celia tinhamos adormecido e estavamos sonhando uns bellos sonhos d'amor, quando sentimos passos em nossa casa. Levantámo-nos cheios de susto, e no limiar



MODAS

da porta defrontámos com uma mulhersinha muito branca, muito branca, toda vestida de negro.

Tremendo de pavor, perguntei-lhe quem era. E então a mulhersinha, a tal mulhersinha muito branca, muito branca, curvou-se para nós e murmurou n'uma voz cortante e nervosa:

—Sou a morte...

Immediatamente Celia abraçou-se a mim com os lábios desbotados e as mãos tremulas: um longo tremor correu-me pelo corpo.

Quizemos fugir, mas sentimo-nos agarrados ao chão.

Então a Morte aproximou-se de nós, beijando-nos na testa: e n'esse mesmo instante eu e Celia cahimos no chão.

Collámos então os nossos lábios, unimos as nossas mãos, exalámos um suspiro, um grande suspiro plangente e assim morremos, docemente, serenamente...

O que depois se passou não o sei: sei apenas que, d'ahi a uma hora, despertámos n'um campo desconhecido, á beira d'um monte muito alto, d'uma altura extraordinária.

Apenas abrimos os olhos, vimos apparecer um bonito rapaz, de roupagens brancas fluctuando ao vento e cabellos loiros desrançados pelas costas abaixo.

Logo que nos viu aproximou-se de Celia e disse-lhe ao ouvido umas palavras que eu não pude perceber. Depois bateu as azas brancas e desapareceu...

—Sabes quem é? perguntou-me Celia, é o meu anjo da guarda: veio dizer-me que já destinou no ceu um logarsinho para mim. Elle mesmo me ensinou o itinerario a seguir e portanto, meu Bem Amado, em querendo, podemos pôr-nos a caminho.

Celia enlaçou no meu o seu bracinho torneado e sem perda de um segundo começámos a subir o tal monte muito alto. Sem a mais leve fadiga, depressa chegámos ao cume da montanha onde estava poisada uma estrella em forma de barco.

O tal rapaz, o anjo protector de Celia, segurava a canna do leme com a sua mãozinha de principe.

Immediatamente saltámos para dentro da barquinha luminosa, que foi singrando pelo azul, n'uma doce tranquillidade confortavel e serena.

Outras estrellas passavam pelo ceu: e as frautas mysticas dos seraphins alourados resoavam ternamente a nossos ouvidos.

Alfim chegámos á porta do ceu. Sinto muito não poder descrever essa extraordinaria maravilha.

Dir-vos-hei apenas que fomos recebidos por S. Pedro, que nos introduziu n'uma sala d'espera, uma pequenina sala, fulgente de pedras preciosas, de jogos de luz, e onde, em pyras d'ouro trabalhado, ardião as mais gratas olencias, os perfumes mais embriagadores.

Sentámo-nos. S. Pedro folheou um grande livro cheio de illuminuras, e depois de contemplar uma pagina, com muita attenção, retirou do nariz a luneta com aro de tartaruga, e dirigindo-se para mim, fallou-me com voz commovida:

Tenho muita pena, meu caro senhor: a sua Amada tem já um logar reservado na corte celeste, mas o que eu não posso é consentir que V. Ex.^a transponha o venerando portão do Paraíso.

—Porque? perguntei enfurecido.

—Por uma razão muito simples, respondeu S. Pedro, porque não pode ser.

—Mas porque não pode ser?

—Porque a sua vida foi um tanto irregular: eu não quero melindral-o, meu caro senhor, mas V. Ex.^a ponha a mão na consciencia e diga-me se não sente lá uma pontinha de remorso por alguns pecadilhos velhos.

—Bem, murmurou Celia, cheia de desespero: ou ficamos ambos, ou eu prescindindo do meu logar no Ceu: queira escolher senhor S. Pedro.

—Tenho muita magua, minha senhora, respondeu o Santo mas não me é possível condescender.

—N'esse caso, volveu a minha Amada dando-me o braço, n'esse caso, adeus.

E, sem nos despedirmos do Santo, tornámos a metter-nos na barquinha luminosa e fomos descendo, descendo...

Minutos depois, desembarcámos á bocca de um abysmo: descemos alguns degraus de marmore negro e achámo-nos á beira de um rio tenebroso. Um homem vestido de negro, olhos faiscantes e o labio aberto n'um sorriso ironico, veio esperar-nos com a mais refinada galanteria. Era o Diabo.

Rapidamente atravessámos o Charonte e alguns minutos depois entrámos no Inferno, que em boa verdade é muito mais pittoresco do que o ceu.

Gritos afflictivos estalavam pelo ambiente carregado: choviam maldições e ouviam-se gargalhadas sonoras, de uma sonoridade diabolica.

Vou terminar, meus amigos, disse o esqueleto. Apenas vos direi que, graças ao nosso amor, eu e Celia conseguimos introduzir no Inferno um pequenino Ceu encantador...

O esqueleto calou-se. E, torçando a sentar-se, continuou a beber, a pequeninos gollos, um vinho fulgurante e precioso.

EUGENIO DE CASTRO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas em verso

Charadas?!
Só d'estas;
Mas só
Por festas.

Rerare,
Senhor!
E' nota,
Leitor!...—1

E veja
Que tem
Mals nota,
Tambem.—1

Verá
Então
Que é nota;
Pois não?!—1

O todo
Affirma
A musica.
—E' sinal!...

Covilhã.

ANTONIO R BRANGAL.

(Ao preclaro charadista Ernesto Leitão)

Venha cá, senhor Leitão,
Decifrar esta charada,
Se quer ver como é tão facil
Depois d'ella decifrada.

Já lhe digo:
P'ra não ter grande maçada,
Não perca o fio á meada.
E' d'amigo!

Lá no cimo da montanha
Existia um homemsinho,
Que não comia outra coisa } 2
Senão carne, pão e vinho.

Muitas vezes vinha á faldá
Da montanha passeiar,
Mas voltava sempre triste } 1
Por esta nota encontrar.

Assim viveu elle—o pobre
Sessenta annos inteirinhos,
'té que um dia gente nobre
O mandou para os anjinhos

De lá mandou uma carta
De grande contentamento,
Pedindo com muita urgencia
Remessa d'um instrumento.

Porto.

REI CHIQUITO.

(Ao Club dos Punhaes de Prata)

Tem seu *quê* d'encantador
Ver uma joven mulher,
Fazer idyllios d'amor
A' sombra d'um malmæquer.—1

E mais catita se torna,
Ao ver que o seu bem amado

Foi mettido em agua morna
Qual tecido delicado.—2

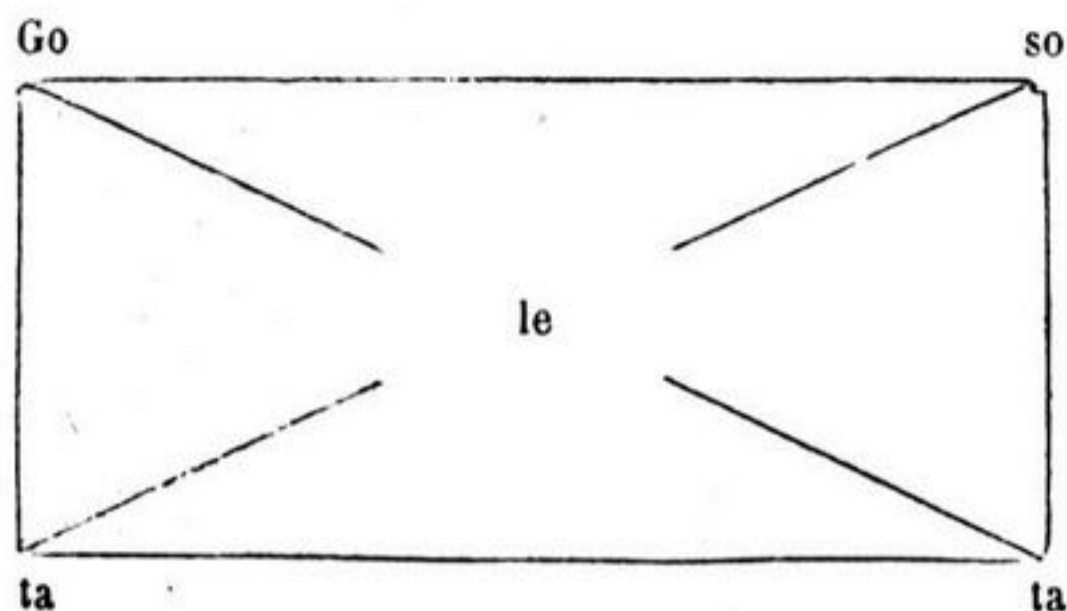
Sem d'isto fazer alarde,
Serviu á terna visãõ,
Pelas quatro horas da tarde,
Uma bella refeição!

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO

Decifrações

DAS CHARADAS:—Prezôres.



A RIR

Um peccadora, já com direito a ser aposentada, mas que tem ainda uns taes ou quaes admiradores, diz a uma das suas jovens rivaes:

—Que queres, minha amiga! Não tenho culpa d'esses senhores me acharem encantadora.

—E' verdade; mas dizem t'õ ha muitos annos, para que possas agora dar-lhes credito.

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA A DOR DE DENTES

Um jornal londrino dá como infallivel, para tirar instantaneamente a dôr de dentes, o seguinte remedio:

Toma-se uma chapa redonda de zinco, e uma moeda de prata, e collocam-se uma sobre a outra, applicando ao dente que doe, primeiro o zinco e em seguida a moeda; apenas se põem em contacto ambas as peças metallicas, produz-se uma corrente electrica, que faz desaparecer instantaneamente a dôr de dentes. Tem-se provado isto em innumerados casos.

IRMÃOS DE LEITE

Os mesmos seios tinham-nos amamentado a ambos, e por isso se queriam muito, com um entranhado amor fraterno.

A mãe do José, uma camponesa robustissima, fôra quem creara o Joãozinho, o ultimo filho da sr.^a morgada.

No campo, ser irmão de leite dá jus a ser considerado como parente. Accresce que, a casa da morgada, ia em decadencia accentuada. Todos os predios estavam empenhados no banco hypothecario. O morgado fazia negocios ruinosos com o desespero dos naufragos que se agarram a ultima taboa de salvação. E sabe-se o que é o desandar da roda da fortuna.

Morreu de repente o morgado.

—Até as pedras choravam! diziam as senhoras visinhas.

Ao que outras, com modo ironico, ajuntavam:

—Podera! Se ellas vão conhecer outro dono!

Houve inventario, e a morgada ficou reduzida á casa da sua habitação. Um enorme casarão velho do tempo dos Philippes, esoroando-se por todos os lados, carcomido pelo tempo e pelos atos, mas com o seu brazão sobre a porta.

Dos filhos, só lhe restava o Joãozinho. Os outros tinham mor-

rido. A falta de meios obrigou a morgada a restringir a educação do filho ao ensino elementar da aldeia. O orgulho levou-a a não o mandar aprender qualquer officio.

O menino caçava, tocava viola, cantava ao desafio, namorava, era o *enfant gâté* do logar. Jogava o p-u admiravelmente e riscava menos mal com a navalha. Mas não era, nem valentão, porque não tinha musculos para isso, nem brigão, porque tinha um fundo de character cavalheiresco e uma alma boa e ingenua.

Um bello dia quiz a fatalidade que voltasse á terra, vindo das terras de Santa Cruz, um brasileiro immensamente rico e immensamente tello.

Foi uma revolução no viver, até ali pacato, d'aquella pobre gente.

Não se via senão chegar, diariamente, ao logar dos Fenaes, padres curas de dez leguas em redond, convidando o brasileiro para a festa dos seus respectivos oragos

Até o governador civil o foi visitar e levar-lhe um habito de Christo! Que espanto!

O brasileiro, farejando mais alto, uma commenda, filiou-se no partido politico... do governador, e prometeu comprar aldeias inteiras de votantes nas primeiras eleições geraes. Fundou uma escola para o sexo feminino, a que poz o nome da rainha, e deu o dinheiro para a abertura de uma rua, a que poz o nome do principe herdeiro.

Escusado será dizer que os habitantes do logar se dividiram logo em dois partidos: um—dos lorpas, dos interesseiros e dos parentes, admiradores do Cressus; o outro, o mais numeroso—dos invejosos e dos maldizentes.

Que ninguem sabia por que bullas tinha elle arranjado tanto dinheiro.

Que tinha morto mais gente á sombra dos coqueiros, do que macacos ha no Brazil.

Um horror.

Segundo o uso, a morgada devia ir visitar um personagem tão importante, apesar d'elle ser filho de um trabalhador do campo, com os irmãos e o pae ainda vivos e descalços e de camisola de estopa até aos pés, á moda da ilha; mas o dinheiro tudo apaga. Sómente, reparando que o brasileiro era solteiro, a morgada mandou o filho em seu nome.

O brasileiro já sabia que a morgada estava muito em baixo e que o filho não passava de um bom rapaz, sem eira nem beira, e portanto, decidiu logo não ligar a menor importancia a tal gente. Quando lhe disseram que estava na sala o sr. João de Medeiros Albuquerque, que o vinha complimentar, achava-se o cavalleiro de Christo em mangas de camisa, á mesa (no mez d'agosto) e respondeu n'esse tom indolente e aborrecido dos brasileiros.

—Nem á mesa mi deixam! Qui mássol!

E voltando-se para o sobrinho, que desempenhava as funcções importantes de sacristão e veterinario, disse lhe:

—Vae espantar elle!

O sobrinho tinha uma sêde de morte ao morgado, por causa de um namoro que lhe roubára; não quiz ouvir duas vezes o brasileiro. Levantou-se ainda com a bocca cheia e correu á sala, pisando, na sua passagem devastadora, o rabo de um formoso gato maltez, o que lhe valeu uma valente unhada, acompanhada de um mião atroador.

Com a perna no ar e fulo de colera, appareceu o sacristão diante do visitante, ao qual disse desabridamente:

—Isto não são horas de vir visitar ninguem. Meu tio está á mesa, e não falla agora a pessoa nenhuma.

E voltou-lhe as costas.

O morgado ficou attonito e comprehendeu, desde aquelle momento, todo o valor da sua posição social. Saiu cabisbaixo e foi contar á mãe. O que elles clamaram, ambos!

Mas, já que não se podia tirar um desforço, era necessario sair d'aquella logar quanto antes. O Joãozinho resolveu sentar praça. Sempre era uma profissão nobre. Lá diziam os antigos: ou armas ou letras.

Não quiz partir sem assistir porém á festividade annual do orago do logar.

No dia marcado, o Joãozinho, já um bello rapagão de vinte annos, mas sempre tratado no diminutivo por todos, conduziu a mãe pelo braço, desde casa até á igreja.

A pobre senhora ia toda vestida de seda preta, toilette cuidadosamente guardada para aquelle dia solemne. A sua elevada estatura de rainha, era coroada por um diadema de... cabellos brancos, o mais bello ornamento de uma fidalga pobre. Sobre os cabellos, um veço preto.

Quando atravessaram o corpo da igreja, que já estava cheia, todos respeitosa e abriam passagem.

Chegando á teia do altar-mór, a pobre senhora ficou surprehendida de não encontrar a sua cadeira tradicional, que, desde tempos immemoriaes, as esposas dos representantes da sua casa brazonada sempre tinham do lado de dentro da teia da capella-mór, com o seu respectivo coxim escarlate tendo bordado a ouro as armas da familia: cadeira e coxim que existiam na sacristia, considerados como parte integrante dos ornamentos da igreja n'aquella dia de festa.

A morgada debalde procurou com os olhos a sua cadeira

Em vez, porém, d'ella, encontrou seis, todas novas e estofadas de damasco carmezim, sem duvida destinadas a alguns convidados. Mas a quem?

O filho, com a morte no coração e por um d'estes relampagos de orgulho innato em todo o fidalgo de raça, apontou para a primeira cadeira, a de honra, e disse serenamente para a mãe:

— Sente-se n'aquella.

Estava pallido como um cadaver.

A pobre senhora, mais morta do que viva e fazendo inauditos esforços para apparentar indifferença, deixou-se cair na cadeira, abrindo precipitadamente o seu manual.

O filho foi collocar-se a pequena distancia, livido. Tudo isto passava despercebido aos devotos do corpo da igreja.

Ainda não havia dois minutos que a morgada estava sentada, quando o traste do sacristão se acercou d'ella, dizendo-lhe com insolencia:

— Não se póde sentar ninguem n'estas cadeiras, estão destinadas para as auctoridades.

O Joãozinho vio o sacristão approximar-se da mãe e advinhando a alguma scena desagradavel, fôra pôr-se atraz d'elle, n'esse passo leve e miudinho de que usam os devotos dentro dos templos e que o tapete abafa.

Deitou-lhe uma mão a um braço e apertando com extraordinaria força, obrigou-o a retroceder até uma portinha praticada no muro da capella, que deitava para a sacristia, apesar dos protestos do outro, muito assapantado, que repetia:

— Largue-me o braço...

Assim que desapareceram aos olhos do publico, o morgado atirou-o ao chão com uma força sobrenatural, e pondo-lhe um pé em cima do ventre, exclamou com um sangue frio terrivel:

— Rebento-te, se tornas a dirigir-te a minha mãe. Foste tu sem duvida que retiraste a nossa cadeira?

— Eu, não.

— Então quem foi?

— Esse plano foi concertado entre meu tio e o cura, por causa do governador civil e outros convidados que veem á festa, que foi paga pelo tio.

— Bem. Sei o sufficiente.

E o morgado, impassivel, saiu para o adro. Precisava d'ar. Depois de respirar a plenos pulmões, deu uma volta á roda da igreja e descobriu, n'um grupo de trabalhadores do campo, o irmão de leite. Chamou-o de parte e disse-lhe:

— Empresta cá a tua navalha. Não trouxe a minha porque venho vestido de cerimonia.

O rapaz attentou n'elle e dando um passo á retaguarda, exclamou:

— Aqui ha cousa!

— Alguma cousa ha.

— O que é?

— Nada te posso dizer agora...

— Tens segredos para mim! Para mim, que estou prompto a dar o meu sangue por ti!

O morgado, commovido, passou-lhe o braço em volta do pescoço e abraçou-o febrilmente, respondendo:

— E' por saber isso mesmo que nada te digo.

— Bem, seja como quizeres... disse o outro, pensativo.

E deu-lhe a navalha. Mas assim que o irmão de leite se afastou, seguiu-o.

O morgado entrou pela porta da sacristia e chegou á teia da capella mór, na occasião em que o insolente brasileiro, á frente dos seus convidados, mandava levantar grosseiramente a mãe, para ceder o logar ao governador.

A morgada, primeiro, relanceou o olhar para o sitio onde estava o filho, e admirada de o não ver, tomou o expediente de se defender a si propria. Levantou-se então em toda a magestade da sua desempenada estatura, e medindo o brasileiro dos pés á cabeça com um olhar de supremo desprezo, respondeu:

— Estou no meu logar e não tenho satisfações a dar-lhe.

E tornou a sentar-se.

O brasileiro, fulo de raiva, lançou-lhe a mão a um braço, para a atirar fóra da cadeira; mas n'este momento uma sombra negra deslizou pela frente d'elle, brilhou um ferro no ar, ouviu-se um grito angustioso e em seguida o brasileiro, estendendo os braços, caiu no chão com uma navalha cravada até ao cabo, no peito.

Ao grito do brasileiro, respondeu outro de mulher. Era a morgada, que se precipitava para o filho, bradando semi-louca:

— João! João! que fizeste?!

O filho, profundamente commovido, respondeu:

— Castiguei um patife que a insultou, minha mãe! Se a sociedade não me perdoar, perdoas-me tu. Não é verdade?

— Oh! meu pobre filho!

— Agarral prendel...

Tal foi o côro que se ouviu em volta d'esta scena de sangue. E vinte braços se estenderam na direcção do morgado.

Viu-se então uma cousa sublime. Um homem do povo, armado de um varapau, caiu de subito entre o morgado e a turba, e fazendo um terrivel sarilho, afastou para bem longe a multidão. Em seguida, voltando-se para o mancebo, disse-lhe rapidamente:

— Fogel!

O morgado respondeu:

— Fugir, é cobardia.

— Já agora hão

de chamar-te cobarde porque mataste. Então, cobarde uma vez, cobarde duas!

O outro, hesitava ainda.

— Fogel! Não tens tempo a perder. Quero eu!...

O morgado, obedecendo, desapareceu pela porta da sacristia. O seu salvador, que não era outro senão o José, o seu irmão de leite, precipitou-se atraz d'elle n'um salto de tigre, para lhe proteger a retirada.

Em paga da sua acção, foi recompensado com alguns mezes de cadeia, mas como os parentes do brasileiro estavam satisfeitos por terem herdado, protegeram-n'o: e só de uma cousa tem elles pena, é de que o morgado não possa regressar a Portugal para lhe darem um sincero aperto de mão. O morgado está na America, rico e feliz.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica